

O ALiB e a norma lexical em Mato Grosso do Sul: nomes para prostituta

Léia Cristina Oliveira Santos

Graduanda Letras Português/Inglês

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana – UFMS/CPAQ

E-mail: cibeli.pires@gmail.com

Bolsa PIVIC/UFMS 2018-2019

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7355-1634>

Daniela de Souza Silva Costa

Professora Adjunta

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana – UFMS/CPAQ

E-mail: souza.costa@ufms.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0168-4593>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Chamada temática

Volume 5

Número 2

Recebido em: 16/03/2020

Aprovado em: 06/04/2020

Resumo

A prostituição é uma das profissões mais antigas da história e, por isso, envolve questões sociais e culturais. Nesse contexto, este trabalho analisa as variantes documentadas em Mato Grosso do Sul pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil para nomear a prostituta partindo do construto teórico da Dialetoлогия e da Geolinguística (CARDOSO, 2010). Os resultados revelam a presença de tabus linguísticos, bem como de determinantes extralinguísticos, como a influência do sexo e da idade para as escolhas lexicais, ratificando a importância desses estudos para o conhecimento dos modos de ser e de viver de uma sociedade.

Palavras-chave:

Atlas Linguístico do Brasil, Mato Grosso do Sul, variação linguística, prostituta.

1 Introdução

Segundo Lima (2011), a prostituição ocorre há muito tempo e sempre foi vista como algo errado e imoral pela sociedade. Desde a Roma antiga, já existiam mulheres que eram licenciadas para atuar como prostitutas, pagando uma taxa por esse licenciamento.

Porém, foi na Idade Média que a prostituição foi considerada imoral pela igreja, que declarava publicamente seu repúdio aos que praticavam essa atividade. Então, devido à perseguição, as prostitutas passaram a realizar seu trabalho secretamente.

No entanto, durante a mudança do Feudalismo para o Capitalismo, passou-se a tolerar essa atividade, pois a burguesia, ciente dos lucros, explorava as mulheres que trabalhavam nos prostíbulos. Com a Revolução Industrial, por sua vez, passou-se a pensar na prostituição como profissão. Porém, foi só no século XX, a partir de 1960, que as prostitutas começaram a lutar pelos direitos trabalhistas.

Atualmente permanece um tabu em volta desse assunto, pois a profissão é vista como imoral e errada, o que acontece talvez pelo fato de, no Brasil, a religião cristã dominar. Segundo o IBGE (2010), 86,8% dos brasileiros se declaram cristãos – católicos ou evangélicos. E a religião influencia diretamente na visão do homem.

Segundo Ferreira (2012, p. 07), “não se trata, portanto, de mera ideologia, mas de ação e influência direta nas relações humanas e estas sociais”, ou seja, se a prostituta é vista como imoral pela religião, os seus fiéis tendem a tê-la da mesma forma.

Haja vista esse universo cultural e sua relação direta com o léxico, este trabalho tem por objetivo analisar os dados coletados pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, nos seus seis pontos de inquérito do estado de Mato Grosso do Sul – Coxim, Corumbá, Paranaíba, Campo Grande, Nioaque e Ponta Porã, documentados como resposta para a pergunta 142 do Questionário Semântico-Lexical, área semântica *Convívio e comportamento social*: “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32).

Os atlas linguísticos, dada sua metodologia (como a coleta de dados *in loco*, o uso de questionários e a seleção de informantes de acordo com perfis pré-estabelecidos), retratam a língua em uso em uma determinada área geográfica e, com isso, apresentam a variedade viva de um idioma, o que os referencia como uma importante fonte para estudos linguísticos sob diversas perspectivas.

Seus dados, por exemplo, subsidiam pesquisas lexicográficas, lexicais, fonéticas e morfofonêmicas, sob a perspectiva sincrônica ou diacrônica, bem como trabalhos de outras áreas do saber, como Antropologia, Psicologia e História, posto, especialmente no caso dos resultados do nível lexical, revelarem fortemente influências

extralinguísticas, sejam elas motivadas por fatores geográficos, seja por determinantes sociais, culturais ou históricos, entre outros. Eles podem ainda dar base a estudos sobre mudanças em curso na língua, disseminação e/ou retenção de determinadas unidades lexicais em decorrência da história social da região – ciclos migratórios, influência dos meios de comunicação de massa, isolamentos geográficos, sociais e culturais, dentre outros – e também sobre atitudes linguísticas, apenas para se citarem alguns exemplos de aplicabilidade.

Sob esse entendimento, desenvolver pesquisas a partir de atlas linguísticos que recobrem uma determinada área geográfica configura-se como fonte segura para o estudo da dinâmica da língua, neste caso, no que tange ao nível lexical. Nessa seara, o trabalho desenvolvido como Iniciação Científica voluntária¹ que deu bases para este texto vincula-se ao projeto *ALiB – Atlas Linguístico do Brasil: análise de dados e cartografia*, subprojeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e cuja regional, Mato Grosso do Sul, é responsável pelo estudo de questões semântico-lexicais, dentre outras, de áreas semânticas como *Fenômenos atmosféricos, Atividades agropastoris, Fauna, Convívio e comportamento social e Jogos e diversões infantis*².

Isso porque, organizado a partir de um Comitê Nacional composto por pesquisadores de nove universidades brasileiras e sediado na Universidade Federal da Bahia, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil conta com regionais coordenadas por seus diretores científicos, como a regional Mato Grosso do Sul, a que se filia este trabalho. Juntas, elas estudam os dados coletados na rede de pontos de 250 localidades: 25 capitais de estados e 225 cidades do interior dos 26 estados brasileiros.

O *corpus* analisado é composto, como já informado, pelos dados das seis localidades sul-mato-grossenses que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB em Mato Grosso do Sul: 5 cidades do interior e a capital, em que foram entrevistados 28 falantes selecionados de acordo com o perfil estabelecido pela metodologia geolinguística, que orienta os trabalhos do ALiB (PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, 2018, s.p.). Foram consideradas, para as análises, tanto as respostas proferidas para a pergunta quanto comentários dos entrevistados que possam revelar informações diatópicas ou culturais acerca das variantes léxicas documentadas.

No que diz respeito ao universo desta pesquisa, já foram realizados estudos pelos pesquisadores do Projeto ALiB sobre os designativos para “prostituta”, em especial os recolhidos nas capitais brasileiras, demonstrando uma grande variedade de nomes para

¹ A Iniciação Científica voluntária foi desenvolvida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – no âmbito do Laboratório de Estudos Linguísticos (LABELI) entre agosto de 2018 e julho de 2019 e é vinculada ao GALEX – Grupo Aquidauanense de Estudos do Léxico.

² Maiores informações sobre publicações e estudos do ALiB sobre a área lexical, assim como sobre os trabalhos desenvolvidos pela Regional Mato Grosso do Sul, podem ser verificadas no site do Projeto: www.alib.ufba.br/lexico.

o referente em questão – que deram origem a dez cartas linguísticas do volume 2 do atlas (CARDOSO et al, 2014b, p. 228-248) – e revelando, além de diferenças linguísticas entre as localidades, informações sobre a visão de mundo desses espaços, confirmando a estreita relação entre léxico e ambiente, léxico e sociedade.

Pretende-se, então, verificar se as informações geolinguísticas documentadas em Mato Grosso do Sul confirmam essa variedade de nomes, bem como intenta-se possibilitar novas análises a partir do panorama linguístico evidenciado e, notadamente, relacionar essa realidade à história social das comunidades, aos modos de ser e de viver de habitantes de Mato Grosso do Sul, dadas as condições geográficas, sociais e históricas diversas dessa região em relação às demais áreas político-administrativas brasileiras.

2 A variação linguística e o léxico em estudo: contribuições da Linguística

O Português do Brasil é uma variação do português europeu, trazido pelos colonizadores portugueses, tendo passado por modificações desde o latim vulgar até chegar a seu estágio atual. Como relata Caldeira (2006), desde a própria formação de Portugal até as expedições marítimas, a língua sofreu alteração, e devido ao processo histórico da miscigenação de vários outros povos, com suas próprias línguas, a variante brasileira do português se difere da língua de Portugal.

Para Houaiss (1985, p. 12), “[...] o nosso vernáculo comum é uma unidade que, pela diversidade da língua, se contrapõe às mais de 120 línguas indígenas subsistentes entre nós, bem como as línguas – em geral europeias, mas também asiáticas (japonês, coreano e chinês) – das minoritárias migratórias”.

Essa miscigenação, ocasionada pelo contato entre as línguas dos povos que vieram para o Brasil e as dos indígenas que aqui viviam, engendrou uma realidade linguística diversificada. Isso porque a língua de um país, como no caso brasileiro, pode evidenciar particularidades no campo fonológico e lexical, por exemplo, motivadas por questões extralinguísticas. Para estudar essa diversidade linguística, notadamente em sua relação esses elementos extralinguísticos, tem-se a Dialetoлогия, que, segundo Cardoso (2010, p. 15), é definida como “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. E como método da Dialetoлогия, responsável pela cartografia dos dados coletados em pesquisas dialetológicas, a Geolinguística pode ser entendida “[...] como la Dialectologia, [que]

estudia la variación de la lengua, pero la estudia en el espacio, e la refleja sobre mapas”³ (GARCÍA MOUTON, 2009, p. 63).

Porém, a Geolinguística contemporânea considera, além do diatópico, outros fatores para a descrição da língua, como atestam Mota e Cardoso (2006, p. 22):

[...] Na geolinguística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica [variação entre os gêneros/sexos masculino e feminino], a diastrática [variantes sociais], a diageracional [considerando-se a idade dos falantes], entre outras.

A importância de utilizar a Dialectologia para o estudo de uma língua se deve ao fato, segundo Cardoso (2008, p. 15), “de encontrar nos estudos dialetais um compromisso com a realidade com a descrição da realidade da língua considerada”.

Todavia, tendo em vista a variedade de níveis linguísticos a serem estudados, como fonético-fonológico, lexical, morfossintático, prosódico, etc., este artigo tem como foco a análise lexical, uma vez que, para Antunes (2012), o léxico de uma língua pode ser compreendido como um amplo repertório de palavras que estão à disposição do falante para atender suas necessidades de comunicação. Ademais, por ser o nível linguístico responsável pela nomeação dos elementos da realidade, trata-se daquele que mais fortemente evidencia determinantes extralinguísticos, posto que, por ele, designam-se hábitos, crenças, tradições... enfim, tudo o que circunda uma comunidade, de modo que “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (SAPIR, 1969, p. 45).

Assim, “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade ao longo de sua história” (BIDERMAN, 1998, p. 14). Isso porque cada língua é constituída por seu repertório lexical próprio, e o fato de nomear a realidade em redor faz mesmo com que o homem conhece e reconheça o meio em que vive.

Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano no conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas (BIDERMAN, 1998, p. 13).

Igualmente, como já afirmado em outras palavras, cada região possui uma história, cultura e realidade, e isso se reflete diretamente nas escolhas lexicais dos falantes. Ademais, cada comunidade tem seu próprio repertório lexical e este marca sua

³ “[...] Como a Dialectologia, estuda a variação da língua, mas a estuda no espaço e a reflete sobre mapas” (Tradução Nossa – T.N.).

cultura e história, uma vez que, como afirmou Isquierdo (2003, p. 165) “o vocabulário utilizado por uma comunidade de linguística reflete as diferentes idiossincrasias que marcam as formações étnica dessa comunidade”.

Da mesma maneira, o léxico revela tabus, crenças acerca do uso de determinadas palavras, que podem receber algum tipo de valoração por parte dos falantes, como é o caso do objeto de estudo deste texto: os nomes para prostituta. Isso porque algumas delas são tidas, conforme Mansur Guérios (1979, p. 5), como “sagrado-proibidas, aquelas que o falante não profere por medo de sofrer represália divina ou da comunidade da qual faz parte”, o que pode ser ratificado a partir da grande variedade de nomes documentados para a mulher que se vende para qualquer homem (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32), como se verá na sequência deste texto.

Como exemplo de tabu pode-se pensar na série norte-americana “The good place” (SCHUR, 2016). Nela, após a morte, as pessoas chegam “no bom lugar”, onde moram vários casais que foram bons na terra e assim formam um bairro. Lá, a maioria optou por não falar palavras de baixo calão. Então, quando a personagem Eleonor quer pronunciar uma delas, ela as substitui. Ou seja, por imposição da comunidade, a falante utiliza uma lexia distinta, porém, não deixa de produzir o mesmo sentido.

Nessa perspectiva, o léxico de uma comunidade reflete a cultura do falante, trazendo consigo uma carga de tradições e tabus. Isso se mostra conforme a faixa etária do falante, a classe social de que faz parte e o sexo, o que acarreta alterações e comprova que a língua não é estática, mas viva e diversificada.

E esse estudo em muito é beneficiado pelos estudos dialetológicos e geolinguísticos, haja vista que estudam a língua em determinado tempo e espaço:

Dois aspectos fundamentais estão, pois, na gênese da Dialetologia, qualquer que seja o princípio metodológico seguido: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados (CARDOSO, 2010, p. 25).

Destacam-se, na seara de pesquisas dialetológicas, os atlas linguísticos, uma vez que, dentre suas características:

- Localiza[m] una palabra en el espacio, lo que permite estudiar su área de uso, sacar conclusiones sobre si está en regresión o en expansión y delimitar geosinónimos, aspecto que el DRAE muchas veces no resuelve [...];
- Cartografía las palabras en una red de relaciones semánticas, y eso permite identificar deslizamientos semánticos, que explican cambios léxicos, o verdaderas transferencias de significado. Las familias léxicas viven en los mapas; no suelen hacerlo en los diccionarios.
- Documenta[m] la convivencia real de unas palabras con otras, por ejemplo, em áreas de contacto lingüístico, de transición entre una área léxica y otra o em procesos de sustitución de una palabra por otra nueva.

- Señala[m], con una serie de marcas, el grado de vitalidad o de envejecimiento de las palabras y, en ocasiones, también cuáles prefieren y cuáles rechazan los informantes. Muchas veces estas actitudes dejan ver la influencia de la norma general sobre la local e indican el sentido del cambio.
- Y, a través de sus notas, aportan apoyo metalingüístico o etnolingüístico a partir de las respuestas de los propios hablantes ⁴ (GARCÍA MOUTON, 2010, p. 272-273).

O grande interesse pelos atlas está, desse modo, na enorme massa de materiais que ele oferece agrupados, proporcionando descobrir muitas de riquezas. “[...] As descobertas feitas por um atlas são como brechas numa muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado [...]” (ALVAR, 1958 apud CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 20).

Sobre o Atlas Linguístico do Brasil, que forneceu os dados aqui analisados, bem como as bases teórico-metodológicas que ancoram este estudo, trata-se de um projeto interinstitucional sediado na Universidade Federal da Bahia e que desde 1996 vem desvelando a norma linguística em uso no Brasil:

Fundamentado nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, também conhecida como pluridimensional, o Projeto ALiB prioriza a variação espacial ou diatópica e fica atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, objetiva descrever o português falado no Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, de 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias (PAIM; ALMEIDA, 2019, p. 171).

Em 2014, o projeto publicou dois primeiros volumes (CARDOSO et al, 2014a; CARDOSO et al, 2014b), concernentes à metodologia e a cartas linguísticas com dados das capitais.

Além deles, há mais sete volumes previstos: três com dados dessas cidades (textos analíticos dos fenômenos retratados no volume 2 – volume 3; cartas e textos versando sobre outros fatos linguísticos – volumes 4 e 5) e mais quatro que tangem a informações do interior do Brasil (volumes 6, 7, 8 e 9).

⁴ “- Localiza uma palavra no espaço, o que permite estudar sua área de uso, tirar conclusões sobre estar diminuindo ou expandindo e delimitar geosinônimos, aspecto que o DRAE muitas vezes não resolve.
 - Mapeia as palavras em uma rede de relações semânticas, e isso permite identificar deslizamentos semânticos que explicam mudanças lexicais ou verdadeiras transferências de significado. As famílias lexicais vivem nos mapas; normalmente não o são nos dicionários.
 - Documenta a convivência real de umas palavras com outras, por exemplo, em áreas de contato linguístico, de transição entre uma área lexical e outra ou em processos de substituição de uma palavra por outra nova.
 - Assinala, com uma série de marcas, o grau de vitalidade ou de envelhecimento das palavras e, às vezes, também quais preferem e quais rejeitam os informantes. Muitas vezes, essas atitudes revelam a influência da norma geral sobre a local e indicam o sentido da mudança.
 - E, por meio de suas notas, fornecem apoio metalingüístico ou etnolingüístico a partir das respostas dos próprios falantes” (T.N.).

Este trabalho contribui para o referido projeto ao analisar os dados sul-mato-grossenses coletados na capital, Campo Grande, e em cidades do interior, e tem em sua sequência a apresentação de seus resultados.

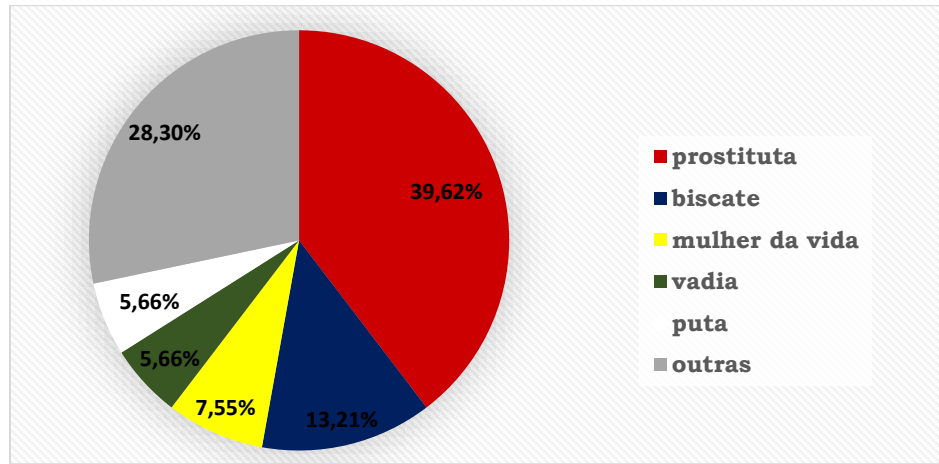
3 Os nomes para prostituta e a norma lexical sul-mato-grossense

Os dados analisados por este trabalho, como já mencionado, foram fornecidos pelo Atlas Linguístico do Brasil, documentados em pontos de inquérito de Mato Grosso do Sul. No que tange aos nomes para a profissional do sexo (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32), foram documentadas 15 lexias: *prostituta*, *biscate*, *vadia*, *puta*, *mulher da vida/mulher de vida fácil*, *galinha*, *piranha*, *mulher de programa/garota de programa*, *mulher sem vergonha*, *quenga*, *vagabunda/mulher vagabunda*, *mulher de rua*, *mulher de zona*, *mulher do mundo* e *meretriz*.

Para as análises e sua apresentação, organizamos o cotejo em duas frentes: a primeira a ser apresentada é a análise diatópica e a segunda, a perspectiva léxico-semântica. Sobre a produtividade dos dados, a variante mais recorrente foi *prostituta* (39,62%), sendo seguida por *biscate* (13,21%), *mulher da vida/mulher de vida fácil* (7,55%), além de *puta*, *vadia* e *vagabunda/mulher vagabunda*, que dividem o quarto lugar em produtividade (5,66%). As unidades léxicas de menor ocorrência foram *galinha*, *mulher de zona* e *mulher de programa/garota de programa* (cada uma com 3,77% das ocorrências), e *piranha*, *mulher sem vergonha*, *quenga*, *mulher de rua*, *mulher do mundo* e *meretriz*, que apresentam o percentual de 1,89% cada, como se pode ler pelos Gráficos 1 e 2:

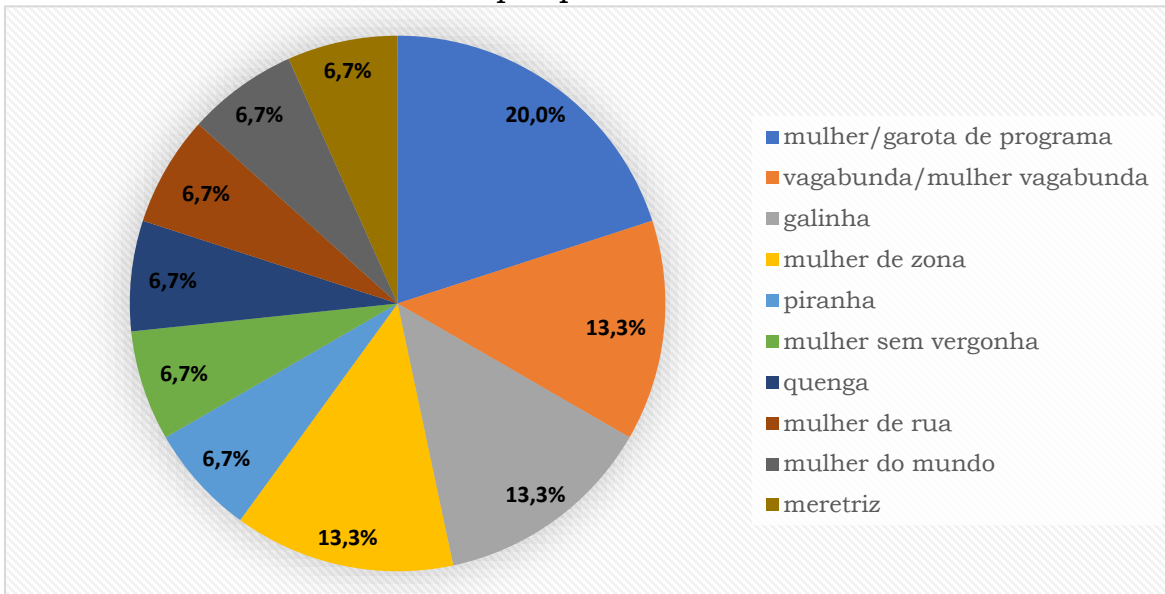
Gráfico 1 – Nomes mais recorrentes para “prostituta” em Mato Grosso do Sul segundo o ALiB⁵

⁵ Haja vista o número expressivo de variantes lexicais documentadas e também uma melhor visualização dos dados, o Gráfico 1 apresenta as cinco unidades léxicas mais produtivas e agrupa as demais como Outras, estas apresentadas no Gráfico 2, sem prejuízo da informação ou alteração dos resultados.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 2 – Variantes lexicais para “prostituta” de menor produtividade no universo pesquisado⁶



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nota-se que, no universo pesquisado, *prostituta* firma-se como norma padrão para designar a profissional do sexo em Mato Grosso do Sul, o que confirma os resultados das capitais publicados no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil:

⁶ As variantes lexicais *piranha*, *mulher sem vergonha*, *quenga*, *mulher da rua*, *mulher do mundo* e *meretriz* tiveram ocorrência única e em sua maioria foram proferidas por pessoas da segunda faixa etária, isto é, que têm entre 50 e 60 anos. *Piranha*, por exemplo, ocorreu na fala de um campo-grandense, *mulher de rua* foi lembrada por um corumbaense; *meretriz*, informada em Nioaque: todas por informantes da faixa etária II e de baixa escolaridade. Em falantes com nível universitário, tivemos como ocorrência única apenas *mulher sem vergonha*, mencionada por uma campo-grandense da segunda faixa etária. Na fala de jovens, documentaram-se *mulher de mundo*, citada por uma moradora de Nioaque; e *quenga*, falada por uma jovem de Paranaíba, ambas de escolaridade de nível fundamental.

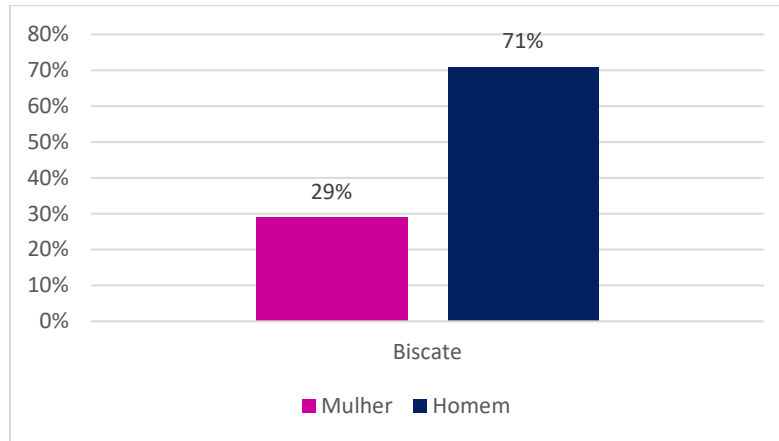
Figura 1 – Carla linguística L15 - ALiB

Todavia, a partir da segunda colocação em produtividade, os dados passam a se diferenciar entre as capitais brasileiras e os dados de Mato Grosso do Sul, compostos por informações de localidades do interior e da capital, Campo Grande. Ainda em cotejo entre o Gráfico 1 e a Figura 1, lê-se que a segunda colocação brasileira (mulher...) é substituída no universo sul-mato-grossense por *biscate*, com 13,21% de produtividade.

A variante *biscate* teve maior ocorrência em Paranaíba (57% dos informantes a preferiram), o que talvez possa ser justificado pela aproximação dessa localidade com o estado de Minas Gerais. Conforme o *site* da cidade (PREFEITURA DE PARANAÍBA, 2019, s.p.), a partir de 1830, a localidade foi povoada por imigrantes oriundos de Minas Gerais, especialmente interessados na descoberta de jazidas e consequente extração de minérios (IBGE, 2020). Talvez isso possa justificar a relevante documentação desse item lexical na localidade, posto que os *biscates*, aqueles homens que executavam tarefas eventuais para gerarem renda extra, como com a venda de produtos alimentícios, de higiene e vestuário, possam ter sido frequentes nesse espaço.

Outro dado importante sobre essa lexia é que *biscate* teve destaque na fala dos informantes da faixa etária 2 – 50 a 65 anos – com produtividade de 71,4% entre os mais velhos, o que pode indicar que ela está caindo em desuso. Ademais, conforme mostra o Gráfico 3, ela é mais recorrente na fala de homens do que de mulheres.

Gráfico 4 - Variação diasssexual para *biscate* em Mato Grosso do Sul (dados do ALiB)



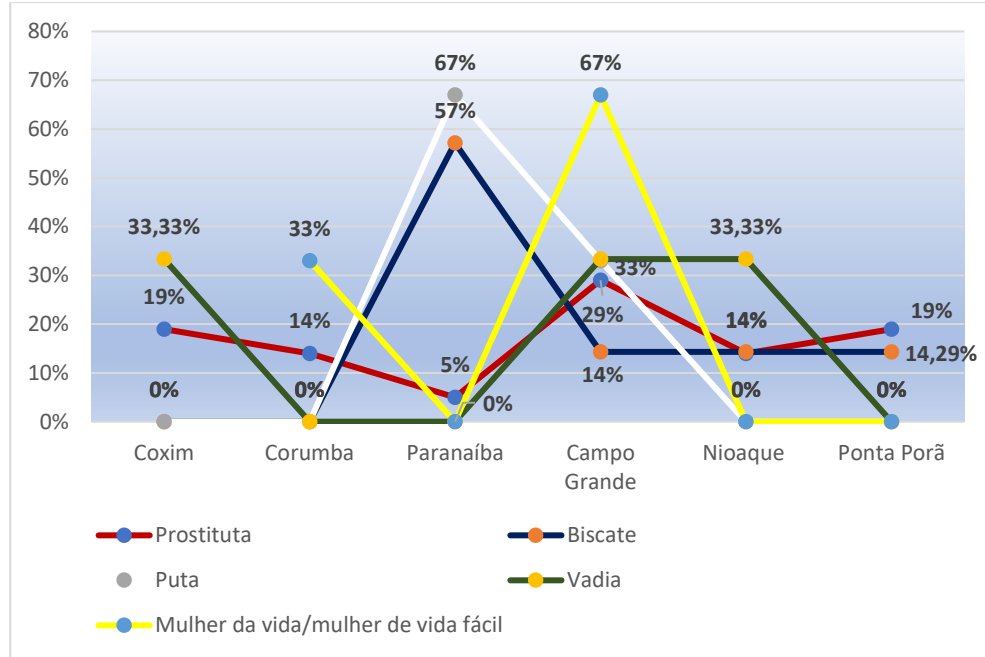
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Isso pode ser justificado tendo em vista que as mulheres são mais conservadoras quanto a normas sociais, inclusive a linguística, e por isso mais sensíveis à variedade padrão que os homens. Para Possenti (1996, p. 24), essa característica tem relação com a escolarização no Brasil, já que, segundo ele, “muitos meninos não podem ou não querem usar a chamada linguagem correta na escola, sob pena de serem objeto de gozação por parte dos colegas, porque em nossa sociedade a correção é considerada uma marca feminina”.

Em relação ao comportamento linguístico dos mais velhos, como ilustrado pela predominância de *biscate* na fala dos informantes da faixa etária II e pela diversidade de registros apresentada na nota de rodapé de número 5, pode-se ratificar o entendimento de Cardoso (2010), para quem a sabedoria e os conhecimentos adquiridos ao longo da vida podem ser observados na fala das pessoas.

Ainda em relação às diferenças entre o panorama sul-mato-grossense e o das capitais brasileiras, deve-se lembrar que as regiões do Brasil têm distintas histórias de formação e colonização, além de diferenças geográficas, culturais e de crenças. O Centro-Oeste, por exemplo, que abriga o estado de Mato Grosso do Sul, foi, ao lado da região Norte, a área mais tardiamente colonizada e explorada pelo colonizador português no período colonial (séculos XVI a XVIII). Alia-se a essa característica a base econômica atual do Brasil Central, que centra sua produção no agronegócio, como o cultivo de cereais e a pecuária.

No que diz respeito à distribuição diatópica das unidades lexicais mais produtivas analisadas, tem-se:

Gráfico 5 - Cotejo entre as cinco lexias mais proferidas no universo pesquisado⁷

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nota-se que *prostituta* está presente em todas as localidades pesquisadas, com distintos índices de produtividade, entretanto. *Biscate* foi proferida por moradores de Paranaíba (onde se destacou, com 57% das ocorrências), Campo Grande, Nioaque, e Ponta Porã (14% de produtividade). *Vadia*, por sua vez, foi documentada em três localidades (Coxim, Campo Grande e Nioaque – em todas com 33%), enquanto *puta* e *mulher da vida/mulher de vida fácil* em duas: Paranaíba (57%) e Campo Grande (33%) e Corumbá (33%) e Campo Grande (67%), respectivamente.

O Gráfico 5 revela ainda um comportamento particularizado entre as localidades analisadas, posto que a ordem de produtividade dos itens em análise se altera entre elas, o que pode ser explicado pelas diferenças de povoamento e de fatores geográficos e culturais das cidades sul-mato-grossenses. Costa e Isquerdo (2012, p. 782), com base em dados do IBGE (2011), ilustram essa diversidade:

Quadro 1 – Fatores importantes para a fundação de cidade de Mato Grosso do Sul

| Estado | Localidade | Fator preponderante para fundação e povoamento | | | |
|--------|--------------|--|----------|-----------|----------------|
| | | Agricultura | Pecuária | Mineração | Outros motivos |
| | Campo Grande | X | X | | |
| | Coxim | | | X | |

⁷ Respeitando-se os limites deste texto, bem como com vistas a uma focalização nos dados mais produtivos para melhor leitura, o Gráfico 5, bem como as considerações dele advindas, têm como objeto as variantes lexicais de maior ocorrência no *corpus*.

| | | | | | |
|--------------------|------------|--|--|---|--------------------------|
| Mato Grosso do Sul | Corumbá | | | | Segurança das fronteiras |
| | Paranaíba | | | X | |
| | Nioaque | | | X | |
| | Ponta Porã | | | | Segurança das fronteiras |

Fonte: Costa e Isquierdo (2012, p. 782).

Assim, depreende-se que a norma lexical em uso no Mato Grosso ratifica os dados brasileiros em certa medida, demonstrando, porém, que as questões socioculturais que particularizam os hábitos, as crenças e os costumes sul-mato-grossenses, como afirmado, também determinam a singularidade das escolhas lexicais dos falantes.

Realizadas, pois, as considerações acerca da dimensão diatópica, a continuidade se dá com a análise léxico-semântica das variantes lexicais documentadas. Para isso, foram consultados dicionários gerais e etimológicos, como Aulete (2012), Houaiss (2015) e Ferreira (2001) e Cunha (2010).

Prostituta, a variante mais produtiva para designar a profissional do sexo, segundo o dicionário etimológico Cunha (2010), tem origem no século XIX. Para Aulete (2012), trata-se da “1. mulher prostituta; meretriz; rameira; 2. Tabu. Puta”. Houaiss (2015) acrescenta que se trata da “mulher que ganha a vida para manter relações sexuais; meretriz”. Como visto na análise diatópica, lê-se que a referida unidade léxica foi documentada em todos os pontos de inquérito, utilizada tanto por falantes da faixa etária 1 quanto da faixa etária 2, o que leva ao entendimento de que compõe a norma padrão.

Segundo Tarallo (1986), essa norma padrão é conservadora e aquela que tem maior prestígio na língua, por cultura e tradição. Ratifica esse entendimento o fato da menção a esse item lexical em diversos livros da Bíblia, somando um total de 32 ocorrências.⁸

A segunda variante em número de ocorrências foi *biscate* (13,2%). Cunha (2010) informa-lhe como datação o século XIX. Já Aulete (2012) apresenta-lhe como marca de uso⁹ antiquado ou gíria. Para Houaiss (2015), define-se como “ocupação ou serviço ocasional e geralmente mal pago; bico”. Vê-se assim uma possível extensão de sentido quando o falante relaciona *biscate*, função exercida pelo vendedor que não tem um ponto de venda fixo, mas que sai oferecendo seu produto a qualquer pessoa, com a mulher que não tem um homem fixo, mas que se relaciona com qualquer um que esteja disposto a pagar.

⁸ Essa informação foi coletada por meio do aplicativo Busca Mobile, através da opção pesquisa por palavra na Bíblia.

⁹ Entendidas conforme Fajardo (1996-1997, p. 32), as marcas de uso são “[...] las informaciones concretas sobre los muy diversos tipos de particularidades que restringen o condicionan el uso de las unidades léxicas”.

Mulher da vida/mulher de vida fácil, por sua vez, registrou 7% das respostas. Para Houaiss (2001), seu uso é eufêmico e pejorativo. Ferreira (2001) acrescenta-lhe o sinônimo meretriz. Em Aulete (2012), encontramos cair na vida como “*prostituir-se*”. Assim, por associação, podemos ainda relacionar a variante *mulher da vida* à expressão *cair na vida*.

Em seguida temos a lexia *puta*, com 6% das respostas, na quarta posição. Cunha (2010) data-lhe como do século XII. Segundo Aulete (2012), define-se como “1. *prostituta*, mulher que faz sexo por dinheiro; *bagageira*; *biscate*; *meretriz*; *mundana*; *piranha*; *pistoleira*. 2. Mulher despudorada e acintosamente vulgar”.

Dividindo a quarta colocação em termos de produtividade, *vadia* obteve 6% das respostas e teve origem no século XV (CUNHA, 2010). Para Aulete (2012), designa a “mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente prostituta; *vagabunda*”. A partir dessa acepção, compreende-se que *vadia* não é necessariamente a mulher que se prostitui, mas seria aquela que se relaciona com vários homens por diversão, o que é corroborado pela a fala do homem jovem de Coxim: “a prostituta se vende, a vadia não”.

Iniciando as análises léxico-semânticas das variantes lexicais menos produtivas, *galinha* é datada, segundo Cunha (2010), do século XVI. Na acepção 4 do dicionário Aulete (2012), lê-se: “4. pessoa que mantém relações sexuais com muitos parceiros”. Já para Houaiss (2015), trata-se de “2. quem varia de parceiros amorosos com frequência”. *Piranha*, por seu turno, é registrada como brasileirismo¹⁰ por Aulete (2012), que a define como “mulher libertina, leviana, que tem relações sexuais com qualquer homem; *vagabunda*”.

A lexia *quenga*, segundo (CUNHA, 2010), teve origem no século XIX. Para Aulete (2012), está definida como “1. prostituta, meretriz”. Houaiss (2012) registra-a como “3. prostituta” e ambos os dicionários consideram essa variante como pejorativa.

Vagabunda/mulher vagabunda, por sua vez, teve origem no século XIV (CUNHA, 2010) e, segundo Aulete (2012), trata-se da “mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente uma prostituta; *piranha*; *vadia*”. Houaiss (2001) registra que é um regionalismo¹¹ do Brasil de uso informal e pejorativo.

Finalmente, *meretriz* origina-se no século XIV (CUNHA, 2010) e está dicionarizada em Caldas Aulete (2012) como “mulher que faz sexo por dinheiro; *prostituta*; *piranha*”. Já Ferreira (2001) a define como “mulher que pratica o ato sexual por dinheiro; *prostituta*”.

¹⁰ Para Oliveira (1999, p. 95), brasileirismo é “[...] todo fato lingüístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa”.

¹¹ Para Costa (2018, p. 92), regionalismo “[...] pode ser [...] entendido como um termo que designa a variação linguística circunscrita a áreas dialetais no âmbito do espaço brasileiro”.

3.1 As variantes que começam com *mulher...*

Os itens lexicais iniciados com *mulher* estão aqui separados haja vista esse traço comum que os une. Afinal, o primeiro sema requisitado pela pergunta do ALiB que originou as respostas por este texto analisadas é exatamente *mulher*.

Mulher de zona, por exemplo, tem como adjetivo uma palavra que teve origem no século XIV (CUNHA, 2010) e nomeia a “área de uma cidade onde se localiza o meretrício” (AULETE, 2012). Houaiss (2015) concorda que *zona* é “local de prostituição”. Assim, entende-se que o falante considera *mulher de zona* aquela que trabalha no estabelecimento onde ocorre a prostituição.

Mulher sem vergonha, por sua vez, dá indícios de ter sido utilizada em oposição a *mulher recatada*. Isso porque, para Aulete (2012), *vergonha* é “sentimento ou atitude de discrição, recato, em relação a questões de moral, assuntos pessoais etc.; pudor”. Logo, o falante demonstra considerar *mulher sem vergonha* a profissional do sexo, compreendendo a prostituição como atividade imoral.

Seguindo-se a análise, para Houaiss (2001), *mulher de programa/garota de programa* é a “mulher jovem que se prostitui sem se expor nas ruas como a prostituta comum, geralmente fazendo contatos por telefone”. Aulete (2012) acrescenta que “diz-se de pessoa que, mediante pagamento, acompanha outrem em programas, especialmente os de caráter sexual”. Houaiss (2015), por sua vez, atribui-lhe a marca de *brasileirismo*.

Mulher de rua, para Houaiss (2015), é regionalismo do Brasil usado em tom pejorativo. Todavia, em nenhum dos dicionários consultados encontramos uma definição para a *lexia*. Contudo, seu uso para nomear a “prostituta” pode se dever ao fato de a prostituta estar na rua, nas esquinas exercendo sua atividade.

Já *mulher do mundo* pode ter relação com a acepção 8 de mundo apresentada por Aulete (2012): “8. para os cristãos, a sociedade e os costumes que se opõem à vida religiosa”. Como já mencionado, o Brasil é um país de maioria cristã (IBGE, 2010) e, talvez por isso, a prostituta pode ser nomeada como *mulher do mundo*, uma vez que exerce uma atividade tida por muitos como imoral.

3.2 Breves considerações sobre os nomes para prostituta e os tabus linguísticos

Como já mencionado, Mansur Guérios (1979) estudou os tabus e favoreceu, assim, a análise de palavras que carregam consigo imagens culturais de diversas naturezas. Para ele,

Há [...] uma coação ou atitude de ambivalência-impulso para o contacto e, ao mesmo tempo, repulsa e proibição. Assim, para Freud, o tabu é resultante de um recalque de tendências, desejos e instintos naturais de uma coletividade, o qual

se verificou pela força coercitiva de variados interesses externos em conflito (GUÉRIOS, 1979, p. 2).

Dessa maneira, podemos compreender os nomes para prostituta a partir dessa perspectiva teórica, tendo em vista a variedade de designativos documentados (15), bem como a diversidade de suas origens etimológicas e dos perfis de informantes que os proferiram, como demonstrado ao longo das análises.

Benke (2012), em sua dissertação de mestrado em que estudou os nomes para prostituta nas capitais brasileiras, separou os dados coletados em dois segmentos: aqueles que têm carga semântica pejorativa e os que a têm eufêmica, com base nos estudos de Guérios (1979). Adaptando suas análises ao *corpus* deste estudo, podemos assim entender, a partir do trabalho dessa pesquisadora:

- a) Carga semântica pejorativa: *biscate, galinha, meretriz, mulher de programa/garota de programa, mulher de zona, mulher sem vergonha, piranha, prostituta, puta, quenga, vadia e vagabunda/mulher vagabunda.*
- b) Carga semântica eufêmica: *mulher da vida/mulher de vida fácil, mulher de rua e mulher do mundo.*

Ratificam esse entendimento comentários dos informantes sobre os nomes proferidos. A campo-grandense mais velha de nível universitário que mencionou *prostituta, mulher da vida* e *mulher sem vergonha* explicou que: “antigamente era mulher sem vergonha, hoje é mais chique, é mulher da vida, prostituta” (Inf. 8/115). O coxinense jovem de baixa escolaridade, por sua vez, diferencia prostituta de vadia, uma vez que, para ele, “a prostituta se vende, a vadia, não”, indicando inclusive o tom pejorativo desta lexia em detrimento daquela.

4 Considerações finais

Este trabalho teve o intuito de i) analisar as unidades lexicais que nomeiam o referente comumente conhecido como “prostituta” proferidas pelos 28 informantes do projeto ALiB, habitantes de seis localidades sul-mato-grossenses, a fim de contribuir para o conhecimento da realidade linguística regional brasileira no que se refere ao campo semântico do convívio e comportamento social; ii) demonstrar a distribuição diatópica das variantes no universo pesquisado e iii) cotejar os dados do interior e da capital do estado, estes que já foram cartografados, verificando semelhanças e particularidades entre os registros.

Foram documentadas 15 lexias para nomear a profissional do sexo, sendo *prostituta* (39,6%) tida como a norma padrão do estado de Mato Grosso do Sul, por ser a mais proferida pelos falantes entrevistados. No universo pesquisado, destacou-se também *biscate* (13,2%), majoritariamente proferida por homens idosos (71%), revelando as influências extralinguísticas de sexo e idade no nível lexical da língua, bem como um possível apagamento dessa unidade léxica.

Além disso, houve um número expressivo de variantes que se iniciam com *mulher* (*mulher vagabunda/vagabunda, mulher de zona, mulher de rua, mulher da vida, mulher do mundo, mulher sem vergonha e mulher/garota de programa*), demonstrando as impressões do falante em relação ao referente nomeado, inclusive com a presença de tabus linguísticos, ora utilizando carga semântica pejorativa, ora eufêmica, para nomear a profissional do sexo.

A análise léxico-semântica ratificou essa perspectiva, haja vista que os nomes documentados são todos relacionados à prostituta, mas sob diferentes olhares.

Enfim, este texto pretendeu demonstrar como a diversidade linguística presente no nível lexical pode revelar modos de ser, de viver e de pensar, evidenciando a relação intrínseca entre léxico e sociedade, aqui verificada a partir dos nomes para prostituta documentados pelo Atlas Linguístico do Brasil no Mato Grosso do Sul no limiar do século XXI.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- AULETE, Caldas. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Lexikon, 2012.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil**: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: Linguística Quantitativa e Computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos Editora, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. v. I. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998, p. 11-20.
- CALDEIRA, Esperança. **O Essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, p. 15-31.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSTA, Daniela de Souza Silva. **Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste**: interfaces entre a Lexicografia e a Dialectologia. 2018. 352 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2018.
- COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. Um estudo etnolinguístico de designativos para “gambá” no Brasil Central: contribuições do Projeto ALiB. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (2), p. 779-792, maio-ago 2012.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- FAJARDO, Alejandro. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. **Revista de Lexicografía**, v. III, 1996-1997, p. 31-57. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61897454.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **A religião como necessidade social**. 2012. 1 v. Curso de Ciência da Religião. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Dialectología y Geografía Lingüística. In: ALVAR, Manuel (Org.). **Manual de Dialectología hispánica**. El español de España. Barcelona: Editora Ariel, 2009, p. 63-77.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Si el DRAE utilizase los atlas lingüísticos...: un ejemplo aragonés. In: CASTAÑER MARTÍN, Rosa María; LAGÜÉNS GRACIA, Vicente (Orgs.). **De moneda nunca usada**. Estudios filológicos dedicados a José Maria Enguita Utrilla. Zaragoza: Instituto Fernando El Católico, CSIC, 2010, p. 271-282.

GUÉRIOS, Rosario Farani Mansur. **Tabus lingüísticos**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

HOUAISS, Antônio. **O Português no Brasil**. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1985.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jean R.; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (Orgs.). **História, região e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165-181.

LIMA, Tatiane Michele Melo de. **Prostituição feminina no Brasil: da "questão polícia" a conquista de direitos**. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2: projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.

PAIM, Marcela Moura Torres; ALMEIDA, Laura Camila Bráz. Dialectologia e ensino: contribuições do Atlas Linguístico do Brasil. **Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 169-177, 2019.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. **O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos**. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARANAÍBA. **Paranaíba**. Disponível em: <http://www.paranaiba.ms.gov.br/site/paranaiba?id=18-historia>. Acesso em: 22 ago. 2019.

PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL - PROJETO ALiB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Pensamento-cultrix, 2012.

SCHUR, Michael. **The good place**. Los Angeles: NBC, 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2a ed. São Paulo: Ática, 1986.

ALiB and the lexical norm in Mato Grosso do Sul: names for prostitute

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Thematic issue

Volume 5

Number 2

Received in: 16/03/2020

Approved in: 06/04/2020

Abstract:

Prostitution is one of the oldest professions in history and, therefore, involved in social and cultural issues. In this context, this work analyzes the variants documented in Mato Grosso do Sul by the Linguistic Atlas of Brazil Project to name the prostitute based on the theoretical construct of Dialectology and Geolinguistics (CARDOSO, 2010). The results reveal the presence of linguistic taboos, as well as extralinguistic determinants, such as the influence of sex and age for lexical choices, confirming the importance of these studies for the knowledge of the ways of being and living in a society.

Keyword:

Linguistic Atlas of Brazil, Mato Grosso do Sul, linguistic variation, prostitute.